

# PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA DA GRANDE JOÃO PESSOA EM *HOME OFFICE* NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19

Bruna Carvalho Araújo  
Laryssa Karolyne Fernandes de Oliveira Bonifácio  
Ana Paula Furtado Soares Pontes

## RESUMO

Este artigo apresenta resultados de pesquisa sobre como vem ocorrendo o trabalho em *home office* das professoras da Educação Básica que atuam na Região Metropolitana de João Pessoa no período pandêmico (Covid-19). Apresenta os resultados de pesquisa desenvolvidas com 17 professoras da Educação Básica das redes públicas e privadas da Grande João Pessoa, por meio de um questionário *online* utilizando o *Google forms* para aplicação. Traz discussão sobre os conceitos de trabalho e intensificação do trabalho, relacionando-os a referências sobre a prática docente no modelo *home office* de ensino. Como principais resultados, destaca que a rotina de trabalho se tornou extenuante, considerando como elemento agravante o excesso de preocupação com a aprendizagem de passar qualidade no ensino para o educando e que a saúde mental das professoras durante o exercício remoto de seu trabalho piorou.

**Palavras-chave:** Educação Básica, Professoras, Ensino Remoto, Pandemia, Saúde e Docência.

## INTRODUÇÃO

Este artigo analisa o trabalho *home-office* das docentes da Educação Básica no contexto da Pandemia da Covid-19 que, segundo o Ministério da Saúde, “[...] é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global.” (BRASIL, 2021).

Uma das principais alternativas para frear a disseminação do vírus foi o isolamento social, medida adotada ao redor do mundo e, como consequência, as escolas foram fechadas. No Brasil, através da Portaria nº 343, publicada em 17 de março de 2020, o Ministério da Educação autorizou “[...] em caráter excepcional, a substituição das disciplinas presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação”. (BRASIL, 2020).

Esse modelo de trabalho ficou conhecido como "*home-office*", termo que, em sua tradução literal, significa “escritório em casa”, mas que refere-se à situação em que os trabalhadores desenvolvem suas atividades em um ambiente fisicamente separado do seu local de trabalho, utilizando-se de meios tecnológicos. Nessas condições, foi necessário que professores e professoras, assim como diversos outros (as) trabalhadores (as), se adequassem a este novo formato de trabalho.

O trabalho docente vem passando por diversas modificações ao longo da história, no entanto, nunca na história recente se exigiu uma adaptação tão brusca e rápida, quanto o que vem sendo exigido dos(as) professores(as) no trabalho em *home office*. Nesse contexto, voltamos a atenção sobre a noção de intensidade de trabalho, verificada no aumento do gasto de energias (esforço físico, capacidade intelectual ou emocional) pelo trabalhador. (DAL ROSSO, 2008). Partimos do pressuposto de que o trabalho docente, em meio às atividades domiciliares, traz repercussões diversas na vida das professoras, que precisam ser discutidas.

O nosso interesse sobre o tema em estudo surgiu, principalmente, no período de Estágio Supervisionado na área de Educação Especial. Na ocasião, tivemos a oportunidade de participar dos momentos de conversas com as professoras, tendo acesso a muitos relatos sobre como o período pandêmico modificou as relações sociais, familiares e de trabalho.

Tal cenário nos impulsionou a definir as seguintes questões-problema que nortearam nossa pesquisa: O trabalho em *home-office* intensificou o trabalho das docentes? Quais as marcas deixadas pelo trabalho remoto na vida das professoras até o momento?

Para discutirmos a problemática, iniciamos por situar que, desde a primeira revolução industrial, o processo de produção foi acelerado, havendo a transição da produção manual (manufatura) para a produção por máquina (maquinofatura). Com o modelo taylorista-fordista, o trabalho se intensifica, por meio do aumento da cobrança de

resultados, do ritmo e da velocidade de produção ou pelo alongamento de jornadas (DAL ROSSO, 2008).

Tais estratégias permanecem na produção toyotista, de base microeletrônica, combinando novas formas, que provocam processos de intensificação mais expressivos. Dessa forma, a intensificação passa a se refletir também na exigência de trabalhadores polivalentes, capazes de controlar diversas máquinas automatizadas ao mesmo tempo (DAL ROSSO, 2008). O desenvolvimento das novas tecnologias reverberou em outros ramos e setores da economia, invadindo as diversas esferas da vida produtiva e social.

No âmbito educacional, a formação docente e a aproximação entre educação e tecnologia já se faz presente há algumas décadas, sendo frequentes os debates em torno da importância e dos desafios da incorporação das novas tecnologias no ensino. E o contexto da pandemia trouxe à tona de forma mais incisiva a necessidade de os (as) professores (as) utilizarem as novas tecnologias a favor da aprendizagem, de forma a desenvolver o processo educativo em meio às dinâmicas familiares e profissionais, passando o seu “lôcus de trabalho” a ser o espaço domiciliar, com interferências que se entrecruzam.

Considerando esse cenário, este trabalho pretende investigar indícios de intensificação do trabalho docente no sistema *home-office* durante a pandemia e as repercussões desse processo para a saúde física e mental de professoras da educação básica de escolas públicas da Região Metropolitana de João Pessoa.

## **METODOLOGIA**

O estudo se desenvolveu a partir de um estudo bibliográfico que, para Gil (2008), é desenvolvido com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos, bem como a aplicação de questionários com professoras da educação básica para captar suas interpretações sobre a problemática em estudo. A pesquisa de campo foi parte importante do processo, ocasião em que pudemos ter acesso a informações sobre as experiências das docentes no trabalho *home-office* nesse período da Pandemia da Covid-19.

No estudo, optamos por considerar como universo de pesquisa professoras-mulheres, o que vai ao encontro das estatísticas do último Censo Escolar que mostram que a docência na educação básica é uma atividade majoritariamente feminina. Consideramos, como Machado (2021), que as “docentes mulheres podem ter percebido

um maior impacto em termos de sobrecarga de trabalho, pela possibilidade de acumularem as funções domésticas e laborais no mesmo período e espaço”.

A pesquisa combinou a abordagem quali-quantitativa, visto buscar interpretar fenômenos que envolvem seres humanos em suas relações em determinado contexto, visando apreender significados que atribuem à experiência do ensino remoto, "com base em suas experiências, opiniões e significados, de modo a exprimir suas subjetividades" (BRASIL et al., 2018, p. 22).

Para tal, foi realizada a aplicação de um questionário com professoras de Educação Básica da Região Metropolitana de João Pessoa<sup>1</sup>, com perguntas fechadas, com alternativas de múltipla escolha, sendo os dados quantificados e submetidos a tratamento estatístico, seguidos da interpretação para captar percepções, valores e interesses das respondentes, em relação ao fenômeno estudado.

A pesquisa foi desenvolvida no primeiro semestre de 2021, por meio da aplicação de um questionário semiestruturado, disponibilizado *online* pelo *Google Forms*, ferramenta assegurada gratuitamente pelo *Google*, que permitiu a coleta de dados. As professoras autorizaram a participação na pesquisa assinando o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE).

## REFERENCIAL TEÓRICO

Os saberes profissionais dos docentes têm sido tema de diversos estudos, desde a década de 1990, no Brasil, e, atualmente, no contexto da pandemia da Covid-19, fez-se necessário refletir sobre como a formação e as experiências em sala de aula anteriores puderam contribuir no processo de adaptação do fazer docente em *home-office*. Tornou-se necessário a reflexão sobre como promover situações de aprendizagem, de forma crítica e ética, garantindo ao educando o direito a uma educação de qualidade.

Para tal, com Freire (2015, p. 62), destacamos que “não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não levam em consideração as condições em que vêm existindo”. Nessa perspectiva, considerando o atual contexto pandêmico, os(as) professores(as) se veem diante da

---

<sup>1</sup> Região Metropolitana de João Pessoa é composta pelos seguintes municípios: Alhandra, Bayeux, Cabedelo, Caaporã, Conde, Cruz do Espírito Santo, João Pessoa, Lucena, Pedras de Fogo, Pitimbu, Rio Tinto e Santa Rita.

necessidade de compreender como o isolamento social atinge os alunos, aproximando-se deles, estabelecendo um diálogo autêntico para conhecer suas condições e necessidades.

Esse cenário se torna mais complexo ao consideramos que a maioria dos (as) docentes possui pouca experiência no ensino à distância ou formação para o uso das TDICs, bem como o fato de as infraestruturas das escolas públicas serem precárias e o currículo da maior parte das instituições não ter sido pensado para o desenvolvimento de forma remota. (DE PAULO; ARAÚJO; DE OLIVEIRA, 2020).

O uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) na formação de professores é pouco expressivo, a exemplo do que verificamos, no projeto político-pedagógico (PPP) do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, lócus formativo e de atuação das autoras do presente estudo. Em sua matriz curricular, identificamos apenas um componente (Educação e Tecnologias), de 60 horas aula, que aborda os recursos pedagógicos da mídia e das tecnologias digitais e suas implicações no ensino e aprendizagem.

É importante que tanto a formação inicial, quanto a formação continuada contemplem a utilização das novas tecnologias, de forma que os (as) professores (as) desenvolvam, não apenas, atividades pedagógicas com apoio dessas tecnologias, mas que se utilizem de abordagens pedagógicas que contribuam para a construção do conhecimento e o desenvolvimento intelectual e cultural dos estudantes.

Como no contexto da produção toyotista, as instituições escolares passaram a demandar profissionais polivalentes, versáteis e flexíveis, capazes de desenvolver um conjunto de funções para além do que previsto originalmente como função docente, incorporando atividades antes atribuídas a outros profissionais, o que gera sobrecarga e intensificação do labor. Além do próprio processo de desvalorização profissional, que se reflete nos baixos salários, que impõe a necessidade de, ao mesmo tempo, os (as) docentes passarem a atuar em mais de uma instituição, em dupla ou tripla jornada de trabalho.

Nesse sentido, no contexto da pandemia, a categoria analítica intensificação se mostra relevante, pois durante o período de trabalho remoto os (as) professores (as) tiveram que conciliar, em um mesmo espaço - o doméstico - as atividades pedagógico-didáticas (planejamento, aula, correção de atividades, preparação de material didático, estudos etc) com as atividades de seu cotidiano familiar. Situação mais complexa para as mulheres professoras que têm sido apontadas nos estudos como as mais afetadas pela

pandemia. Nesse contexto, trazemos referências sobre intensificação apresentadas por Dal Rosso (2008, p. 109).

Uma das maneiras de intensificar o trabalho consiste em alongar a jornada de trabalho. Quando os trabalhadores são conduzidos a trabalhar por mais tempo, acumulam-se tarefas sobre os seus ombros, exigindo mais esforço. Acúmulo de tarefas e outros mecanismos, tais como o domínio de tecnologias recentes que aumentam os ritmos ou exigem atividades suplementares, implicam em intensificação do trabalho.

Os (as) docentes tiveram, num curto espaço de tempo, para aprender a utilizar o *WhatsApp* para fins pedagógicos, gravar videoaulas para o YouTube, ministrar aulas por videoconferências através de plataformas - como *Google Meet* e *Zoom* - e para descobrir como criar salas de aulas virtuais no *Google Classroom*, principais tecnologias utilizadas no trabalho *home-office* na educação brasileira. No entanto, nem todos os alunos têm acesso a esses recursos e, por isso, muitos (as) professores (as) também elaboravam atividades impressas e as encaminhavam a eles, produzindo, assim, diferentes tipos de materiais, com o mesmo fim.

O uso dessas e outras tecnologias são importantes e necessárias, pois possibilitam a interação entre a escola e os alunos, tendo em vista a redução da evasão escolar. Estas permitiram, de forma síncrona ou assíncrona, que a escola se mantivesse presente no cotidiano dos estudantes, mas, com isso, houve intensificação do trabalho através do “acúmulo em uma mesma pessoa de atividades que antes eram exercidas por mais pessoas” (DAL ROSSO, 2008, p. 118).

No âmbito dessa discussão, a pesquisa "Trabalho Docente em Tempos de Pandemia", desenvolvida pelo Grupo GESTRADO (2020), aponta como motivos para a sobrecarga docente durante a pandemia, o fato de os professores e as professoras terem que se desdobrar, muitas vezes sós e sem familiaridade com o preparo de aulas e o planejamento para atuar de forma virtual, passando a trabalhar por mais horas. Para o grupo, além dos aspectos pedagógicos relacionados ao ensino remoto, o problema se amplia diante da falta de infraestrutura e de condições de trabalho.

O trabalho docente, especialmente no Brasil, é desgastante, pois além do trabalho exercido na escola, muitos levam trabalho para casa, por isso, tantos professores e professoras já apresentavam sinais de cansaço físico e emocional, mesmo antes do isolamento social. Estes sintomas, comuns à Síndrome de Burnout, são bastante frequentes entre trabalhadores e trabalhadoras da educação. Somado a isto, o aumento das demandas, o acúmulo de atividades, a falta ou pouca assistência das instituições, o

sentimento de abandono, insatisfação e o esgotamento físico e emocional se agravaram. (MATOS; NUNES; ALMEIDA, 2020).

Considerando as referências postas, passamos a nos deter sobre o trabalho remoto de professoras de Educação Básica da Região Metropolitana de João Pessoa no contexto da pandemia da Covid-19, a partir da análise dos questionários por elas respondidos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a Portaria nº 343, de março de 2020, as escolas particulares aderiram de forma mais rápida e expressiva ao formato de aula remota, enquanto as escolas públicas demoraram mais tempo para iniciarem suas atividades. As escolas privadas, muitas vezes, mesmo que nem todas e/ou de forma generalizada, contam com uma infraestrutura mais avançada, com mais acesso e investimentos em Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs).

Também entendemos que o trabalho a ser desenvolvido na Rede Pública de Ensino pode ser mais complexo que na Rede Privada, conforme assinala De Paulo (2020), ao referir que “[há] uma grande discrepância entre as redes públicas e a rede privada, uma vez que a segunda iniciou suas atividades remotas uma semana após o governo instituir a regra do isolamento social”, bem como pelo fato de boa parte dos estudantes de instituições privadas contarem com condições mais favoráveis para o desenvolvimento das atividades de forma remota, pelo menos no que se refere ao acesso à internet e à estrutura doméstica para o estudo.

A demora no investimento em formação para o exercício das atividades escolares remotas gerou uma sensação de abandono e descaso nos (as) professores (as). Para o GESTRADO (2020), aquele momento demandava alternativas rápidas para dar continuidade ao trabalho docente, uma vez que o uso didático-pedagógico das TDICs já vem sendo discutido e considerado como relevante há anos.

Um ano após o seu início do isolamento foi possível observar que a falta de formação e suporte às professoras permaneceu. Entendemos assim, pois, mesmo após o Estado da Paraíba ter disponibilizado vinte mil vagas para cursos de formação para o ensino híbrido e remoto, de acordo com *site* do Governo da Paraíba, os resultados desta pesquisa apontam que ainda havia uma sensação de insegurança para a grande maioria das profissionais em ministrar aulas à distância.

O questionário *online* foi enviado para um grupo de professoras participantes de um Projeto do qual fizemos parte, havendo a devolutiva de 27 respondentes, sendo selecionadas as que atuam na Educação Básica da Grande João Pessoa, totalizando 17 respondentes compondo, assim, a nossa amostra. A maior parte das professoras (64,7%) têm idade entre 26 e 50 anos, em sua maioria atuam nos primeiros anos do Ensino Fundamental, sendo 47,1% delas responsáveis por turmas do 1º ao 5º ano. É importante frisar que quatro (04) professoras trabalham com mais de um público-alvo.

A maioria das professoras são efetivas (70,6%), sendo as demais contratadas (29,4%). Destas, dez (10) atuam exclusivamente no ensino privado, cinco (05) atuam exclusivamente na rede municipal, duas (02) atuam apenas na rede estadual; duas (02) professoras possuem dois vínculos empregatícios, uma (01) atua na rede privada e municipal e uma (01) atua na rede estadual e municipal.

A partir da análise dos questionários, verificamos que oito (08) professoras estavam atuando no formato remoto durante o período de isolamento da Covid-19 e seis (06) responderam que estavam atuando em formato híbrido<sup>2</sup>. Apesar disso, 41,18% das professoras não tiveram acesso a ferramentas de aula *online* disponibilizadas pelo Governo do Estado ou Instituições de Ensino onde atuam, nem participaram de capacitação para o uso de ferramentas virtuais ou receberam apenas orientações sobre o seu uso, o que demonstra que a formação oferecida não foi capaz de suprir tais demandas.

Em pesquisa desenvolvida pela Fundação Carlos Chagas em parceria com a Organização das Nações Unidas para a Educação e Ciência e Cultura, foi identificado que, em especial, nas regiões Norte e Nordeste, no período de isolamento da Covid-19, os docentes não contaram com um maior suporte institucional e tecnológico. Segundo o boletim informativo nº1, *Educação escolar em tempos de pandemia*, que aplicou um questionário com 14.285 docentes, as desigualdades sociais se refletiram na educação brasileira no contexto pandêmico.

Ao realizar um comparativo sobre o trabalho que exerciam desde o início da pandemia, todas as respondentes consideram que trabalham um pouco mais ou mais, corroborando com o Informe nº 1, que diz que para mais de 65% das respondentes, o trabalho pedagógico mudou e aumentou, com destaque para as atividades que envolvem

---

<sup>2</sup> Educação híbrida é uma metodologia de ensino com o objetivo de unir elementos do presencial e do online.

interface e/ou interação digital”. Em nossa pesquisa, nenhuma professora considera que não houve mudança, nem diminuição da carga de trabalho.

Ao serem questionadas se em algum momento os meios de comunicação ultrapassaram o limite do que consideram saudável, todas as participantes consideram que a comunicação passou da medida. O *WhatsApp* poderia ser considerado uma excelente ferramenta de apoio ao ensino de qualidade. No entanto, há uma expectativa dos estudantes de resposta imediata. Ao utilizar esses recursos, muitas vezes, as mensagens acabam sendo acumuladas, o que causa a sensação de estar “sempre com pendências a resolver” e isso pode gerar frustração ou ansiedade.

Segundo o Informe nº 1, citado anteriormente, quase oito em cada dez professoras afirmam fazer uso de materiais digitais via redes sociais como estratégia educacional e que as atividades relacionadas à interação digital aumentaram muito, corroborando com os nossos resultados obtidos através da pesquisa com as professoras da Região Metropolitana de João Pessoa.

As docentes tiveram um expressivo aumento na realização das atividades durante esse período, tais como: responder mensagens, repensar metodologias pedagógicas, lidar com o uso de novas tecnologias, produzir vídeos e/ou outros tipos de materiais, planejar aulas, corrigir avaliações, adaptar atividades ao sistema remoto etc.

Portanto, é possível compreender que uma das formas de intensificação do trabalho das professoras durante a pandemia se deu através da diversificação e do consequente prolongamento de suas jornadas de trabalho e de realização de outras atividades e meios e recursos (tecnológicos) que foram incorporados a suas rotinas de trabalho. Nesse domínio, 88,23% das respondentes consideram que “atualmente trabalham mais”, devido às situações de maior interação digital que intensificam essa jornada de trabalho.

Além de frustração e ansiedade, sensações como dificuldade de executar tarefas simples, irritabilidade, cansaço físico, angústia, insegurança, estresse, desânimo e medo foram frequentes no período de trabalho remoto, de acordo com as respondentes. Esses dados corroboram com Matos, Nunes, Almeida (2020), pois, por conta da constante desvalorização da categoria de professores, ausência de qualificação ou sua oferta insuficiente, acúmulo de atividades, longas cargas horárias e baixos salários, a sensação que permanece é a de sobrecarga e intensificação do trabalho. Ser professora no Brasil se torna, cada vez mais, um ato de resistência, considerando as dificuldades da profissão.

Outro fator que contribuiu para o mal-estar das professoras foi a necessidade de conciliar o trabalho doméstico com as atividades profissionais. Todas as entrevistadas afirmaram que realizaram atividades como lavar, passar, cozinhar, cuidar dos filhos, de idosos, de alguém hospitalizado, entre outras atividades durante a pandemia. Apenas um baixo percentual (18%) destas puderam contar com uma rede de apoio<sup>3</sup> frequente. A nosso ver, justifica que um pouco menos da metade (47%) das professoras se sintam confortáveis em trabalhar no *home-office*, enquanto as demais se sintam desconfortáveis ou pouco confortáveis, uma vez que nem todas contaram com um ambiente físico e equipamentos adequados para o desenvolvimento do trabalho neste formato.

Em outras palavras, é possível afirmar que a sobrecarga de atividades é resultado da soma entre cuidado com os familiares e casa às atividades do trabalho docente. E que embora os estudos apontem que o trabalho em *home-office* tem trazido prejuízo para a saúde das professoras, algumas se sentem confortáveis em trabalhar nesse formato. Caberia, assim, novas investigações para analisar o que as fazem sentir-se assim, mesmo diante do registro de intensificação.

Ao questionarmos se, durante o trabalho remoto, elas consideraram que a saúde mental delas melhorou ou piorou, para o maior número respondentes (59%) piorou um pouco; para 23% das respondentes piorou muito; para 11% respondentes não mudou e apenas 5% das respondentes assinalam que melhorou um pouco. Esses dados nos mostram que a qualidade de vida das docentes foi afetada.

Atualmente, poucas Instituições de Ensino oferecem apoio psicológico aos docentes, apesar de ser, de acordo com Candau (2009), uma profissão de risco, por utilizarem o corpo como instrumento de trabalho. Tal entendimento reforça a importância e a indispensabilidade de um olhar mais atento para a saúde física e mental dessas profissionais, já que estão cada vez mais suscetíveis a situações de estresse, insegurança e angústia.

## CONSIDERAÇÕES

O trabalho docente requer além do tempo que dedicam para ministrar suas aulas, tempo para planejá-las e, frequentemente, um tempo posterior para avaliá-las. Com o isolamento social, a divisão do tempo, o acúmulo de atividades profissionais e pessoais,

---

<sup>3</sup> Estrutura que dá contenção a algo ou alguém, ajuda a mantê-lo, sustentá-lo, trabalham de maneira sincronizada para colaborar com alguma causa.

somadas às incertezas do contexto pandêmico e a ausência ou pouca experiência e/ou formação para atuação no ensino remoto afetaram de forma significativa a vida e a saúde das professoras.

Ao analisar as respostas obtidas, foi possível compreender que a nova rotina de trabalho em *home-office* intensificou o trabalho das docentes, pois além das complexas questões pedagógico-didáticas relativas ao ensino remoto, a insuficiente formação e a falta de infraestrutura das escolas, em meio ao trabalho doméstico, levou as professoras a trabalharem por mais horas, alargando suas jornadas de trabalho. O formato de comunicação, principalmente por mensagens do *Whatsapp*, aumentou o tempo dedicado ao trabalho.

Em uma tentativa de tornar o ensino possível, muitas docentes buscaram por ferramentas e metodologias de ensino a distância por conta própria. Tal esforço e intensificação do trabalho deixou marcas na vida das professoras, que se veem diante de situações que provocam sensações de frustração, insegurança, estresse, medo, ansiedade, além de cansaço físico e dificuldade em se concentrar em atividades cotidianas. Ficou clara a necessidade de reinventar-se enquanto profissional, ao mesmo tempo que se considera importante cuidar da saúde física e mental.

Considerando esse cenário, os resultados nos apresentam três aspectos associados à intensificação no trabalho em *home office*: a piora da saúde mental, a excessiva preocupação em criar condições favoráveis à aprendizagem dos educandos e a insuficiente formação para o modelo *online* de ensino. Com o retorno presencial às aulas ainda em 2021, consideramos importante estudos que acompanhem a saúde física e mental das docentes, acompanhando novos desafios que se anunciam.

## REFERÊNCIAS

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **O QUE É COVID?**. Disponível em <<https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>> Acesso em: 20 de julho de 2021.

BRASIL. **Portaria N° 343, de 17 de março de 2020**. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>>. Acesso em: 20 de julho de 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire - 51ª ed - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

DE PAULO, Jacks Richard; ARAÚJO, Stela Maris Mendes Siqueira; DE OLIVEIRA, Priscila Daniele. Ensino remoto emergencial em tempos de pandemia: tecendo algumas considerações. **Dialogia**, n. 36, p. 193-204, 2020.

DAL ROSSO, Sadi. 1946 - **Mais Trabalho!** : a intensificação do labor na sociedade contemporânea - São Paulo : Boitempo, 2008.

MATOS, André Gustavo de Medeiros; NUNES, Marcília Ingrid Lima Barroso; ALMEIDA, Telma Patrícia Nunes Chagas. Prevalência da Síndrome de Burnout em professores durante o período pandêmico de isolamento social.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). Estatística dos professores no Brasil, 2004. Brasília: MEC, 2011. JANUZZI, Paulo.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). Censo Escolar, 2010. Brasília: MEC, 2011. JANUZZI, Paulo.

CANDAU, Vera. Professor/a: profissão de risco? In.: CANDAU, Vera (Org.) **Didática**: questões contemporâneas. Rio de Janeiro: Forma & Ação, 2009, p. 93-98.

GESTRADO. Grupo de Estudos Sobre Política Educacional e Trabalho Docente. **Relatório Técnico**. Trabalho Docente em Tempos de Pandemia. Belo Horizonte: UFMG, 2020.

FCC. Fundação Carlos Chagas. **Educação escolar em tempos de pandemia**: Informe nº 1. São Paulo, 2020.

PAULO, Jacks Richard de; ARAÚJO, Stela Maris Mendes Siqueira; OLIVEIRA, Priscila Daniele de. Ensino remoto emergencial em tempos de pandemia: tecendo algumas considerações. **Dialogia**, São Paulo, n. 36, p. 193-204, set./dez. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/dialogia.n36.18318>.

MACHADO, Michelle Castanho et al. O peso de estar em casa: uma análise acerca da percepção das profissionais docentes em relação a sobrecarga de trabalho no home office. 2021.

GOVERNO ABRE 20 MIL VAGAS PARA CURSOS DE FORMAÇÃO PARA ENSINO REMOTO E HÍBRIDO. **Governo da Paraíba**, João Pessoa, 23 de março de 2021. Disponível em: <https://paraiba.pb.gov.br/noticias/governo-abre-20-mil-vagas-para-cursos-de-formacao-para-ensino-remoto-e-hibrido> , Acesso em 19/08/2021 às 12:35.